

BREVE REFLEXÃO SOBRE A RELAÇÃO PROFESSOR E ALUNO NUMA ÓTICA HUMANIZADA E A CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO COLETIVO.

Vera Lucia Fernandes de Almeida

Doutoranda em Educação pela Universidade de Coimbra/Portugal, Mestre Em Educação, Especialista em Direito e Processo do Trabalho e Advogada.

Resumo

O objetivo deste artigo é propor reflexões sobre o enfoque humanista da Educação onde os protagonistas desta história, professor e aluno vejam-se e reconheçam-se sem perder de vista as questões da aprendizagem, a forma de transmissão dos saberes educativos e o respeito humano e profissional entre ambos. Traz-nos reflexões sobre os quatro pilares da educação desenvolvidos pela UNESCO dentro da abordagem do Aprender a Conhecer; Aprender a Fazer; Aprender a conviver; aprender a ser. Refletimos ainda sobre a dimensão de envolvimento dos demais atores que compõe as organizações educativas enaltecendo o trabalho coletivo em prol da educação e dos relacionamentos humanos vividos nas instituições de ensino.

Palavras Chaves: Ser Professor, trabalho coletivo, organização educativa

Abstract

The objective of this article is to propose reflections on the humanist approach to Education where the protagonists of this story, teacher and student see each other and recognize each other without losing sight of the issues of learning, the way of transmitting educational knowledge and human respect and between both. It brings us reflections on the four pillars of education developed by UNESCO within the approach of Learning to Know; Learning to Do; Learning to live with others; Learning to be. It also addresses the dimension of involvement of the other actors that make up educational organizations, praising the collective work in favor of education and human relationships experienced in educational institutions.

Keywords: Being a teacher, collective work, educational organization

1) INTRODUÇÃO

Este artigo propõe reflexões sobre a relação humanizada entre professor e aluno e quais aspectos pautam essa relação. Objetiva também percebermos como o trabalho coletivo pode intervir na organização escolar com vistas à construção de um processo formativo voltado para a humanização das relações e para a formação de pessoas comprometidas com a construção de uma sociedade mais justa e solidária.

O limiar desta reflexão se pauta no amor, profissionalismo, busca do saber e respeito entre todos os envolvidos.

Começamos por discorrer que é imperativo a busca da manutenção diária do diálogo, do amor fraterno e da motivação para que se possa alcançar resultados muito positivos em uma troca de vivências e construção do saber.

“A busca pela transformação positiva da educação deve ser fundada em espaços onde as aprendizagens sejam para os dois atores protagonistas: professor e aluno. É necessário que se tenha olhos ao redor desse mundo educativo e de sua realidade para que possamos perceber a necessidade de investir na formação de professores”. (MACHADO, Apud FENTRIN, et al, 2008).

É fundamental que o aluno sinta-se motivado a frequentar à escola/Instituição aberto ao aprendizado, com animo de conhecer e desvendar o novo; ter em seu coração o sentimento de que a escola é um espaço singular e que o conduzirá ao encontro de novas culturas.

Nesse pensamento é salutar que a escola possa proporcionar boas vivências, ambiente agradável de convívio e ricas situações de aprendizado, mas que possa também “através do trabalho e pensamento coletivo” criar condições de realizar o que é preciso e tentar suprir dificuldades.

Para que haja o comprometimento da organização educativa com os propósitos democráticos, SILVA (2004), propõe a constituição do sujeito coletivo por ele definido como uma reunião de pessoas que tem características e pensamentos em comum dentro de um contexto ético e uniforme de pensamento, onde os envolvidos pensem e hajam com vistas a partilhar e transformar o dia a dia de acordo com aquilo que acreditam e que fazem parte deles próprios, de suas convicções; não apenas porque se inserem “geograficamente” no mesmo espaço, mas unificados pelo pensamento comum de uma realidade que vivem coletivamente.

Esse “sujeito” tem as capacidades necessárias de promover mudanças na cultura da organização a que está inserido, (muitas vezes, cultura organizacional essa, enraizada de forma bastante negativa e retrógrada) basta apenas, que esteja convencido desse sentimento de mudança construtiva.

Nesse caminhar, é imperioso uma mudança de atitude no contexto dessa relação, buscando-se a educação em seu sentido mais amplo e profundo e que fundamentalmente a organização educativa se edifique de forma autônoma e democrática e que traga contributos ao processo de humanização das relações escolares.

2) OS QUATRO PILARES DA EDUCAÇÃO - UNESCO

Dentro dessa linha de trabalho conjunto de desenvolvimento de saberes e humanização, importante trazer a reflexão os quatro pilares da Educação

desenvolvidos pela UNESCO através da Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI, posto que ressoa profundamente com o discutido até aqui. São eles:

- Aprender a Conhecer;
- Aprender a Fazer;
- Aprender a conviver;
- Aprender a ser.

Vejamos o que DELORS (1998) nos traz sobre os pilares:

Mas, em regra geral, o ensino formal orienta-se, essencialmente, se não exclusivamente, para o aprender a conhecer e, em menor escala, para o aprender a fazer. As duas outras aprendizagens dependem, a maior parte das vezes, de circunstâncias aleatórias quando não são tidas, de algum modo, como prolongamento natural das duas primeiras. Ora, a Comissão pensa que cada um dos “quatro pilares do conhecimento” deve ser objeto de atenção igual por parte do ensino estruturado, a fim de que a educação apareça como uma experiência global a levar a cabo ao longo de toda a vida, no plano cognitivo como no prático, para o indivíduo enquanto pessoa e membro da sociedade (DELORS, et al, p. 90.1998)

E ainda:

“Uma nova concepção ampliada de educação devia fazer com que todos pudessem descobrir reanimar e fortalecer o seu potencial criativo — revelar o tesouro escondido em cada um de nós. Isto supõe que se ultrapasse a visão puramente instrumental da educação, considerada como a via obrigatória para obter certos resultados (saber-fazer, aquisição de capacidades diversas, fins de ordem econômica), e se passe a considerá-la em toda a sua plenitude: realização da pessoa que, na sua totalidade, aprende a ser.” (DELORS, et AL, 1998, p. 90.)

O aprender a conhecer é adquirir as competências para a compreensão. O professor transmite conhecimento e o aluno não participa de forma destacada. O aluno precisa aprender a conhecer, ou, aprender a aprender, desde que este aprender esteja relacionado a realidade e faça com que este aluno tenha sua curiosidade instigada e possa assim desenvolver um pensamento crítico.

“O aumento dos saberes, que permite compreender melhor o ambiente sob os seus diversos aspectos, favorece o despertar da curiosidade intelectual, estimula o sentido crítico e permite compreender o real, mediante a aquisição de autonomia na capacidade de discernir”. (DELORS, et al, 1998, p 91).

O aprender a conhecer trabalha a compreensão do aluno, a memória, o desenvolvimento do raciocínio lógico e cognitivo.

“Aprender para conhecer supõe, antes tudo, aprender a aprender, exercitando a atenção, a memória e o pensamento. Desde a infância, sobretudo nas sociedades dominadas pela imagem televisiva, o jovem deve aprender a prestar atenção às coisas e às pessoas. A sucessão muito rápida de informações midiáticas, o “zapping” tão freqüente, prejudica de fato o processo de descoberta, que implica duração e aprofundamento da apreensão.” (DELORS, et AL, 1998, p. 92.)

O aprender a fazer tem como objetivo fazer o aluno colocar em prática o que conheceu, ajudando-o na sua formação global (como pessoa e profissional). O desenvolvimento desta competência amplia os horizontes do ensino saindo do conhecimento por ele só, focando neste momento, um objetivo mais definido.

Contudo alguns cuidados são necessários para que esse saber fazer não se transforme apenas em preparação para saberes meramente técnicos e preparatórios para o mercado de trabalho; o objetivo também é este mas não apenas isso, a ideia é muito mais abrangente.

“Aprender a fazer não pode, pois, continuar a ter o significado simples de preparar alguém para uma tarefa material bem determinada, para fazê-lo participar no fabrico de alguma coisa. Como consequência, as aprendizagens devem evoluir e não podem mais ser consideradas como simples transmissão de práticas mais ou menos rotineiras, embora estas continuem a ter um valor formativo que não é de desprezar.” (DELORS, et AL, 1998, p. 93)

O próprio mercado de trabalho hoje busca profissionais que detenham o conhecimento técnico de suas profissões, mas que tragam também outras competências. Segundo

Natália Caroline Varga¹, coordenadora de seleção do Núcleo Brasileiro de Estágio (Nube), as características mais importantes e cobradas pelas empresas na contratação de seus profissionais é a habilidade no relacionamento interpessoal, que saibam trabalhar em equipe, que tenham espírito de liderança, e que sejam pró-ativos.

Nesse caminhar vemos que o “Aprender a Conhecer” se interrelaciona com “Aprender a Fazer”. Segundo DELORS (1998), o saber-ser “entendido pelo mundo corporativo” mescla o conhecimento ao saber-fazer na busca de seus profissionais, e desta forma verifica-se o quão importante é a educação.

A educação com vistas a essa formação é exigência global e deve ter como objetivo desenvolver nos educandos a capacidade de se comunicar, de trabalhar em equipe, e de resolver conflitos, entre outras aptidões.

O “Aprender a Conviver”, é compreender que existe diversidade, mas que esta deva ser respeitada. Este é um desafio para a educação, é um desafio para todos os educadores.

“Sem dúvida, esta aprendizagem representa, hoje em dia, um dos maiores desafios da educação. O mundo atual é, muitas vezes, um mundo de violência que se opõe à esperança posta por alguns no progresso da humanidade. A história humana sempre foi conflituosa, mas há elementos novos que acentuam o perigo e, especialmente, o extraordinário potencial de autodestruição criado pela humanidade no decorrer do século XX. A opinião pública, através dos meios de comunicação social, torna-se observadora impotente e até refém dos que criam ou mantêm os conflitos. Até agora, a educação não pôde fazer grande coisa para modificar esta situação real” (DELORS, et al, 1998, p 97).

Esta é uma tarefa que não se mostra muito fácil, mas necessária. As diferenças podem trazer a oportunidade de ampliar muito o conhecimento. Quantas experiências cada ser humano traz em sua vida.

¹ Disponível no site: <http://estagio.ig.com.br/guiadocandidato/recrutamento>. 01 de maio de 2014. 22:45hs.

A descoberta do outro é muito salutar. A partilha dos saberes individuais é material rico de aprendizado. O trabalho conjunto, coletivo, é de fundamental importância na resolução de muitas questões e problemas.

Importante ressaltarmos a empatia que remete-nos a alteridade. Contudo verifica-se uma dificuldade imensa de nos colocarmos no lugar do outro. Nesse diapasão nos questionamos quantas pessoas verdadeiramente se preocupam com as questões da Educação e da exclusão/inclusão social? A educação para a alteridade traz um brilho especial para o viver, pois começamos a perceber o que significa essencialmente a vida com todas as suas alegrias e imprevistos; Nisto está a importância de reconhecer o outro, preocupar-se com outro, compreender as limitações do outro.

O “aprender ser” trabalha os aspectos cognitivos e emocionais do indivíduo. Faz o ser humano se sentir parte integrante deste mundo, promovendo o respeito entre todos, incluindo o respeito às diferenças e aprendendo a viver em sociedade de forma harmônica e pacífica. De acordo com DELORS (1998), quando se descobre o outro, automaticamente descobre-se a si. Uma das funções da escola é ajudar o aluno nessa busca de si mesmo. Como podemos ser empáticos se não conhecemos a nós próprios? E ainda segundo referido autor, “os métodos de ensino não devem ir contra este reconhecimento do outro”.

Assevera ainda DELORS:

“Os professores que, por dogmatismo, matam a curiosidade ou o espírito crítico dos seus alunos, em vez de os desenvolver, podem ser mais prejudiciais do que úteis. Esquecendo que funcionam como modelos, com esta sua atitude arriscam-se a enfraquecer por toda a vida nos alunos a capacidade de abertura à alteridade e de enfrentar as inevitáveis tensões entre pessoas, grupos e nações. O confronto através do diálogo e da troca de argumentos é um dos instrumentos indispensáveis à educação do século XXI.” (DELORS, et al, 1998, p 98.).

Os Quatro Pilares da Educação, se trabalhados de forma conjunta, atendem às necessidades prementes das instituições, pois contribuem significativamente com a formação de pessoas com pensamento crítico e questionador.

A aplicação efetiva dos quatro pilares inova na concepção de educação, pois desenvolve nos educandos a capacidade de argumentação com vistas ao desenvolvimento do espírito de pesquisa, criação de habilidades técnicas indispensáveis, aprimoramento dos relacionamentos interpessoais, valorizando o respeito no tocante à diversidade de culturas, raça etc., contribuindo com a diminuição da violência e construção de uma sociedade mais harmônica e pacífica.

É importante refletir sobre a proposta dos quatro pilares da Educação que não é um caminho solitário ou mesmo impositivo e autocrata, mas busca o desenvolvimento do senso de comunidade, de parceria, da busca dos objetivos comuns, da delimitação dos caminhos que se quer chegar.

Juntos, professor e aluno traçarão suas metas e caminharão na mesma direção em busca do conhecimento em toda sua plenitude - aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a conviver e aprender a ser.

3) A RELAÇÃO HUMANIZADA ENTRE PROFESSOR E ALUNO

Ser Professor é ir além da transmissão da informação. Promover nos alunos o desenvolvimento da capacidade de usarem o conhecimento adquirido.

Deve-se primar pelo aprender a fazer, ser positivo em suas atitudes frente à vida, de modo a contribuir para um mundo melhor, uma sociedade mais justa na qual se busque a qualidade de vida humana coletiva.

DELORS (1998), afirma que o “aprender a fazer” não é apenas adquirir competência profissional mas competências que ensinem o trabalho em equipe e formações pautadas na experiência dentro de um contexto social tão importante.

Nessa perspectiva o educador precisa estar engajado nesse processo de “construção do saber”. Por isso, é primordial que inspirem confiança em seus alunos. Pedro Morales (1999) assevera que a relação professor/aluno pode apresentar duas etapas distintas:

- Comunicação mais pessoal;
- Motivar os alunos reconhecendo seus méritos e despertando autoconfiança nos mesmos, pautado sempre no respeito e gentileza.

Que sejam professores que sintam orgulho e prazer naquilo que fazem e que ajudem a organizar essa sociedade que se mostra tão carente de exemplos bons, repleta de contradições e agressões sociais de toda ordem; sociedade atormentada por vivências familiares traumáticas.

Para isto é muito importante enfatizar a formação do professor no sentido da busca de sua identidade. A leitura do livro “Histórias de vida: quando falam os professores”², relata histórias de vida de professores, onde muitos enfatizam terem construído sua identidade profissional no seio de suas famílias quando crianças.

Em sua grande maioria, a infância foi marcada por inúmeras dificuldades, pois seus pais precisavam trabalhar muito para poderem sustentar seus filhos e manter a dignidade de suas famílias. As oportunidades de estudo eram muito raras.

Alguns afirmam que seus pais possuíam pouco mais que o ensino primário; Às vezes, não chegavam sequer a concluir a quarta série. Para estes pais que não tiveram a oportunidade de estudar, poder proporcionar estudos aos seus filhos era uma questão de honra.

Eles lutavam demasiado para que seus filhos pudessem conseguir aquilo que eles não puderam, não porque não quisessem, mas porque as circunstâncias da vida não lhes favoreceu.

Estamos falando de um tempo onde a importância dada ao estudo era muito grande bem como o respeito aos professores. Eram tempos em que a relação entre escolarização e ascensão social era mais clara, e valores como respeito, solidariedade e convivência eram bem mais presentes.

² ALMEIDA, Julio Gomes, ET AL. Histórias de vida: Quando falam os professores. Editora Scortecci.2008.

Nesse panorama, aqueles que conseguiam chegar ao ensino superior eram muito respeitados tanto pela sociedade quanto por suas famílias que viam em seus entes queridos a realização de sonhos que nunca conseguiram atingir.

Encontramos também relatos na referida obra, de professores que foram muito discriminados enquanto alunos, em função de preconceito. Alguns fizeram do preconceito sua força para vencer. Outros assimilaram com mágoa e ressentimento, carregando para seu trabalho como docentes toda essa carga negativa de preconceitos e discriminação.

Enfim, são relatos da expressão de vivências que ultrapassam a teoria e vão de encontro a vida real. Aprender com as experiências humanas é maravilhoso! Os conflitos humanos sempre existirão pois é inerente a nossa natureza mas o grande saber está em como lidamos com esses conflitos, ou como escolhermos olhar para eles: com oportunidade ou como sofrimento.

A educação deve moldar-se a vida e aos contextos sociais, políticos e econômicos de uma época. Nesse sentido, ALMEIDA (2008) nos traz uma metáfora comparando a educação com a pessoa humana, onde temos que escolher, por exemplo, nossa roupa de acordo com o tempo, seja frio ou calor; alimentos e frutas de acordo com a época (verão ou inverno) e determinadas atitudes de acordo com o momento vivido. Diz o autor citado, *“acolher o melhor (para cada um de nós e para aqueles que nos cercam) para um melhor viver”*.

4) O TRABALHO COLETIVO

A par desta discussão sobre a relação professor e aluno, o sujeito coletivo desenvolvido e vivido nas instituições é deveras importante. Estarem todos os envolvidos nos sistemas educativos, engajados num mesmo ideal de construção de relações humanizadas coerentes com a ética, no sentido de buscarem uma educação fortalecida e que forme bons profissionais, bons cidadãos e principalmente seres humanos integros e fraternos.

Por isso, o trabalho coletivo nas instituições é tão fundamental. Essa ideia de coletividade traz autonomia as organizações e as fortalece, pois todos estarão em uníssono num pensamento apenas: Educação de qualidade e humana.

Este caminhar coletivo, em tese, parece simples mas não podemos nos olvidar que estamos trabalhando com pessoas que apresentam personalidade próprias e por isso distintas, emoções, suscetibilidades, e experiências de vida diferentes.

Essa estrada pode ser tranquila, ou ao contrário, pode ser muito íngreme e penosa e ainda repleta de desvios; Mas quando se tem uma meta, um objetivo definido, e sujeitos que trabalham em prol do coletivo, o esforço certamente valerá a pena.

O que ensejamos na verdade é propor uma reflexão, é fomentar entre os educadores essa preocupação com a formação do ser humano. Para isso investigar quais as condições necessárias para ter organizações que se preocupem com os objetivos coletivos e democráticos e a formação de professores inovadores, criativos e abertos a evolução; que possam dar respostas concretas às demandas sociais e que os mecanismos estatais e gerenciais das organizações possam dar estrutura a esses professores e demais profissionais da educação, para atuarem da maneira mais plena possível, pois não se trata de uma via de mão única mas em trabalho em conjunto.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Assim, nossas considerações são de que a relação professor e aluno deve ir muito além de conteúdos programáticos, mas também, e para além destes, a construção mútua de crescimento e evolução humana pautadas no respeito e dignidade do ser no sentido mais amplo da palavra.

O professor deve ter seu trabalho centrado no pensamento ético e estar aberto a formar pessoas que saibam discernir e que tenham um espírito crítico. O diálogo entre professor e aluno é pedra angular dessa relação.

O professor deve conduzir seu aluno de forma a suscitar nele o desejo de de ser um questionador e não apenas uma pessoa de conduta passiva. Esta passividade é

muitas vezes fruto de vivências na própria escola oriunda da cultura organizacional instalada na mesma, bem como de experiências no seio familiar e na sua trajetória de vida. A passividade cria pessoas inseguras e amedrontadas.

O sentimento do medo esta intrinsecamente ligado a vida do ser humano. O medo traz desgaste de energia, enfraquecendo e dificultando a alçada de grandes voos. Muitos alunos não conseguem um bom desempenho escolar porque apresentam em seu intimo muitos medos e inseguranças. Dentro desse contexto reflexivo do medo o professor que incentiva seus alunos, que os motiva a buscar o conhecimento e a crescer, enquanto seres autônomos e independentes, conseguem invariavelmente bons resultados.

A cumplicidade e a parceria entre professor e aluno, a troca, o afeto, tornam mais prazerosa e enriquecedora a busca pelo conhecimento e crescimento individual.

A escola/organização educativa deve ser vista como um local de reflexão e questionamentos onde se exercitam importantes debates sobre o papel de todos os atores envolvidos neste cenário educativo, e de seus contributos para a transformação da sociedade.

Que essa organização seja um espaço onde se ensina e aprende, voltada para a aprendizagem e formação profissional, mas nunca descurando da grandeza da afetividade e do amor fraterno na relação entre professor e aluno e na formação do ser humano em todas a suas dimensões: intelectuais, mentais, de cidadania e emocionais; envolvendo também os demais profissionais que formam a organização educativa nessa jornada de construção em busca do humano e do trabalho coletivo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Julio Gomes, et al. Histórias de vida: Quando falam os professores. Editora Scortecci, 2008.~

DELORS, Jacques, et al, Educação um tesouro a descobrir, Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI, Editora Cortez, UNESCO MEC, Ministério da Educação e do Desporto, 1998.

FRELTRIM, Ana Galvão Marques ET al, Histórias de vida: Quando falam os professores,.Editora Scortecci, 2008.

FURLANETTO, Ecleide Cunico, Como nasce um professor, Ed. Paulus, 2007.

LIMA, Jorge Avila M., O papel de professor nas sociedades contemporâneas, Educação Sociedade e Culturas, Departamento de Educação da Universidade de Açores, 1996

LIMA, Licinio C. A democratização das organizações educativas e a participação como ingerência: Contribuições de Paulo Freire, Separata da Revista Fórum – Janeiro/junho de 2002.

MORALES, Pedro. A relação professor aluno. O que é. Como se faz. P. 50 e 51. Edições Loyola, 1999

NÓVOA, António, Professores Imagens do futuro presente, editora educa, 2009.

PALMA FILHO, J. C. (organizador) Pedagogia Cidadã. Cadernos de formação- – História da Educação, Editora Cultura Acadêmica UUNESP- Pró-Reitoria de Graduação/ Santa Clara Editora, 2010.

PETRINI, João Carlos, CEBS: Um novo sujeito popular, Rio e Janeiro, Paz e Terra, 1984.

SAIANI, Claudio, Jung e a Educação: uma análise da relação professor/aluno. São Paulo: Ed. Escrituras, 2000.

SILVA, Jair Militão, Autonomia da escola pública. Editora Papyrus,7ª Edição, 2004.